

# Paulo Roberto Monfrim Canno e os seus desenvolvimentos em todas as mídias da Rede Gazeta/ES

*Engenheiro dedicou 35 anos (1986-2021) de sua carreira à liderança tecnológica do Grupo Rede Gazeta, onde desempenhou um papel fundamental como Diretor de Tecnologia. Canno não só deixou sua marca na emissora afiliada da Rede Globo, a Rede Gazeta do Espírito Santo, mas também influenciou de maneira significativa o rumo tecnológico de todo o Grupo Gazeta. Seu compromisso e expertise foram essenciais para moldar a evolução das mídias em todas as plataformas do grupo ao longo dos anos.*

Por Fernando Moura, em São Paulo

Paulo Canno, hoje consultor tecnológico, foi durante 31 anos o diretor de tecnologia da Rede Gazeta, o maior grupo de comunicação do Espírito Santo, formado pelo site de notícias A Gazeta, pelas rádios CBN Vitória, Gazeta FM, Rede Litoral e Mix Vitória, pelas quatro emissoras da TV Gazeta (Grande Vitória, Norte, Noroeste e Sul) e pelos portais G1 ES e GE ES. Mas a sua vida profissional começou alguns anos antes.

Canno nasceu na cidade de Catanduva, no interior de São Paulo, e se formou como engenheiro elétrico na Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (março de 1972 a dezembro de 1976) e mais tarde, realizou uma Pós-Graduação em Gestão Empresarial pela FGV (2002-2003). O engenheiro explicou à reportagem que estudou em São Carlos, também interior de São Paulo, porque para entrar na universidade prestou **Vestibular Unificado de Ciências Exatas e Engenharia**, conhecido na altura como “**MAPOFEI**”. Minhas opções foram a Escola Politécnica e a Escola de Engenharia de São Carlos, ambas da USP. Inicialmente fui chamado para a Escola de São Carlos, minha segunda opção. No ato da matrícula, em São Carlos, fui informado que havia sido remanejado para a Escola Politécnica, minha primeira opção. Porém, decidi pela minha matrícula em São Carlos, pois estava mais próximo da residência de meus pais, em Catanduva, como também pelo fato de dois amigos de longa data terem entrado lá, o que acabou sendo o fator determinante para que formássemos uma república, com mais um outro colega, de uma outra cidade”.

O primeiro trabalho de Canno chegou apenas finalizado o curso e se estendeu por seis anos, entre (1976 a 1984),



“Instalando um transmissor de FM de 1kW, em dezembro de 1980, na Rádio Cruzeiro de Londrina, PR, como engº da SNE. Ao meu lado, meu querido amigo e técnico da emissora, Cisco”. / Foto: Arquivo pessoal

e foi na Sociedade Nacional de Eletrônica (SNE), que tinha sido fundada, em 1951, por José Barros Santos e Antenu Leuenroth como fabricante de transmissores para radiodifusão nas faixas de AM e FM. “O meu primeiro contato com a indústria eletrônica, não foi na SNE. Aconteceu quando eu era ainda um estagiário, nos laboratórios da Gradiente (Indústrias Gradiente Brasileiras - IGB) que fabricava equipamentos de som e telefone, e da Control, que fabricava equipamentos de comunicação (transceptores). Ambos os laboratórios coexistiam num mesmo prédio, próximo à Av. Guarapiranga, logo após a ponte do Socorro, em São Paulo. Nesse estágio tive a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento dos primeiros **receivers** com display de LED de 7 segmentos, que indicavam a frequência da emissora e o volume, como também dos primeiros telefones de tecla, que substituiriam os discos. Dois significativos avanços para a época”.



Receiver Gradiente da década de 1970/ Foto: Reprodução

Do seu primeiro emprego como engenheiro na SNE Canno guarda muitas lembranças. “Foi uma época

excelente, pelo fato de eu ter podido envolver-me com todos os setores da indústria, tais como projeto, fabricação, teste final, homologação, instalação, compras e assistência técnica. Uma boa decorrência dessa época foi a imensa rede de relacionamento adquirida por meio dos clientes, fornecedores e colegas de trabalho, como também dos concorrentes”. Do primeiro emprego, é difícil esquecer o primeiro projeto. Ele conta que além dos transmissores, a SNE fabricava equipamentos didáticos para ensino de eletro-eletrônica, que “foi por onde comecei a ter contato com a produção, além de equipamentos de áudio para emissoras de rádio e TV. Lembro-me de um laboratório de circuitos lógicos, que, se não me engano, chamava-se “LogicLab”. Porém, meu primeiro projeto foi o de um transmissor de rádio FM, homologado e posteriormente instalado na Rádio Guarujá Paulista FM, que irradiava de um prédio situado na região do porto, em Santos”, onde também realizou a sua primeira instalação.

Os desafios, conta, foram grandes, com muitas situações desafiadoras. Dentre elas, lembra Canno, o desenvolvimento de componentes foi das principais. “Na

época (não mudou muito em relação aos dias de hoje), o processo da importação de componentes era muito complicado. Assim sendo tínhamos que nos arrancar com aquilo que existia no mercado nacional ou fabricar determinados componentes”, por isso, produzir não era tarefa fácil.

Em termos de instalação de emissora, recorda o engenheiro, a posta em funcionamento, em Brasília, do primeiro transmissor de TV de 5KW, na então TV Capital, canal 8, “foi outra empreitada desafiadora, pela então inovadora modulação em FI e pela potência, que demandava amplificadores de RF mais robustos e materiais que nem sempre se encontravam, internamente, com facilidade”. Ele lembra ainda de um trabalho fora do Brasil, quando a SNE realizou o desenvolvimento de combinadores de alta potência para a instalação de transmissores de OM de 25kw em paralelo, na rádio Rural de Montevidéu, Uruguai (CX-4). E, ainda no Brasil, adaptação de torres de OM para serem usadas como suporte de antenas de FM em Ubá (MG) e Londrina (PR).

## Laboratório de aviônicos

Canno saiu da SNE para trabalhar (1984 a 1986), como responsável do laboratório de controle de qualidade de componentes da Engesa Eletrônica, uma das principais empresas de desenvolvimento de tecnologia brasileira nesse momento. “Em 1984 deixei a SNE, uma indústria com, aproximadamente, 70 funcionários e passei a fazer parte do grupo Engesa, um conglomerado de empresas com 10 mil colaboradores. A empresa que me contratou foi a Engetrônica que, como o nome sugere, produzia equipamentos eletrônicos. No período em que permaneci no grupo, a Engetrônica fornecia os instrumentos de navegação aérea (aviônicos) que equipavam os aviões Tucanos da Embraer, tais como: radiocomunicação em VHF, *transponders*, ADF, Glide Slope, entre outros. Foi um período de grande aprendizado, tanto pelo contato com excelentes profissionais, como com avançados equipamentos (para a época) de testes físicos (vibração, ciclo térmico, ambiente salino etc.), que eram executados de acordo com rígidas normas internacionais”.

O engenheiro contou à reportagem que durante esse período redigiu relatórios de falhas, em inglês e com muitas fotos, que eram enviados para a fornecedora

dos kits dos equipamentos. No caso a Rockwell Collins, situada em Cedar Rapids, nos Estados Unidos. “Os equipamentos eram então montados e submetidos aos testes finais na Engetrônica, seguindo rica documentação e rigorosos processos. A Engetrônica situava-se na Rua Amador Bueno, no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, SP, na área hoje ocupada pelo Banco Santander”, lembra.



Vista aérea da Sede da Rede Gazeta, no bairro Monte Belo/  
Foto: Chico Guedes/CEDOC TV Gazeta

## Mudança de ares e tranquilidade

Dois anos após ter entrado na Engesa, Canno tomou a decisão de voltar ao setor de radiodifusão, e ter uma vida mais calma. O engenheiro explicou à reportagem que “o tempo perdido no trânsito da capital paulista (duas horas e meia por dia, aproximadamente, cinco (5) anos dos próximos 50 anos que, teoricamente, me restavam), como também a vontade de retornar para o ambiente

de radiodifusão foram os principais motivos que me trouxeram para o Espírito Santo, onde passei a almoçar em casa, perdendo não mais do que 20 minutos por dia, no trânsito. Outra mudança interessante para mim foi a de passar de fornecedor de equipamento para comprador, o que me proporcionou algumas vantagens, pois, conhecia, em determinados produtos, quais eram os componentes

e pontos críticos e que deveriam ser avaliados em maior grau de detalhe, por ocasião da aquisição”.

Canno chegou a Rede Gazeta para assumir o cargo de Gerente de Transmissão e, passados 4 anos, assumiu a Diretoria Técnica que, em 1996, ao agregar a Gerência de TI, passou a ser denominada Diretoria de Tecnologia. “Quando cheguei a Rede Gazeta, em 1986, o grupo contava com uma emissora de televisão e duas emissoras de rádio (1 em AM e 1 em FM). Ao deixar o grupo, em 2021, eram 4 emissoras de TV, 8 emissoras de rádio FM além de vários sites. Participei ativamente de todas essas implantações e, posteriormente, da digitalização das 4 emissoras de TV”.

O desafio e as mudanças foram grandes durante mais de 30 anos de trabalho, mas para Canno, o principal desafio foi a digitalização das 4 emissoras e com elas “implantar as novas áreas técnicas digitais no mesmo local onde existia a operação analógica, sem impactos na exibição. Em todo esse tempo passamos por várias mudanças tecnológicas (algumas disruptivas), sendo

a mais contundente a entrada das ferramentas de TI, principalmente, nas áreas operacionais”.

Segundo Canno, entre essas tecnologias disruptivas se destacam as passagens: **Dos carrosséis de fitas para o servidor; da edição máquina a máquina para o computador; das externas complicadas com veículos pesados e equipe técnica, com requisitos de visada dos rádios micro-ondas para os mochilinks onipresentes.**



Paulo Canno na SET Sudeste 2017/ Foto: SET

## Implantação de novas emissoras da Rede Gazeta

Em matéria publicada em 2016 no G1, [“TV Gazeta completa 40 anos de pioneirismo no Espírito Santo. Emissora sempre investiu em tecnologia para informar ainda mais”](#), a reportagem afirma que “ao longo desses 40 anos, a emissora líder de audiência no Estado passou por grandes transformações, chegando cada vez mais próxima dos telespectadores do interior. Em 1988, a Rede Gazeta inaugurou a TV Gazeta Sul, em Cachoeiro de Itapemirim, ampliando a cobertura jornalística no Sul do Estado. Na década de 1990, mais precisamente em 1997, foi a vez da região de Linhares comemorar a chegada da TV Gazeta Norte, cobrindo 14 municípios. Em 2006, a emissora lança sua sucursal em Colatina, atingindo todo o território capixaba”.



TV Gazeta Sul, em Cachoeiro de Itapemirim /Foto: CEDOC Rede Gazeta/ES.

Canno disse à reportagem da Revista da SET que cada uma dessas implantações teve uma característica peculiar. “A implantação da TV Gazeta Sul, em Cachoeiro

de Itapemirim, viria a ocorrer 12 anos após a implantação da primeira emissora da Rede Gazeta-ES (18ª afiliada da TV Globo), que aconteceu em 1976, na capital do estado. Partimos do zero, apenas com a outorga em mãos. Ocupamos um prédio, ainda em construção, ao lado da estação rodoviária da cidade. Seria a primeira emissora de TV da Rede Gazeta, no interior do Espírito Santo, que funcionou por algum tempo, quase sem qualquer integração com a cabeça de rede regional, por falta de uma interconexão adequada, visto que, na época, as operadoras de Telecom eram estatais e, a do Espírito Santo, não se mostrava interessada no tráfego de áudio e vídeo, devido às próprias dificuldades técnicas internas para tal”.

Canno lembra que face às dificuldades para a terceirização da interconexão acima mencionada, “foi decidido que implantaríamos uma rede de rádio micro-ondas analógicos própria, interligando as duas emissoras, assim como as retransmissoras mais importantes. Optamos, na época, pelos rádios analógicos da Abe da Itália (Caravaggio, BM), pois, na ocasião, o custo dos rádios micro-ondas digitais eram proibitivos para o propósito em questão. Nessa época (1988) a Internet não estava disponível para o público em geral e, portanto, nem se cogitava o tráfego, através dela, de áudio e vídeo convertidos em dados”.

Quase uma década depois, em 1997, Paulo Canno começou o processo de implantação da emissora de Linhares, onde, explicou, houve algumas peculiaridades importantes, já que foi adquirida enquanto operava com a programação do SBT, a qual, posteriormente, foi alterada para Globo. O diretor de tecnologia lembra que “havia a necessidade de prospectarmos outra área para

construirmos uma nova sede, pois o prédio ocupado pela operação e estúdios não estava incluído na negociação”, motivo pelo qual, “primeiramente, o transmissor e a torre foram transportados para o novo local e colocados em operação. Posteriormente, o prédio foi construído ao redor, conforme o projeto arquitetônico. Talvez tenha sido a implantação que mais me tenha agradado sob todos os aspectos, com destaque para a arquitetura, que teve consequências diretas na excelente funcionalidade”.

Em 2006, comandou a implantação da última das emissoras de TV da Rede Gazeta, em Colatina, no noroeste do estado, que se destacou, disse satisfeito, “pela perfeita integração com o meio ambiente”.

## Balanço e insucesso de algumas tecnologias

Canno disse saudoso à reportagem que nesses quase 40 anos de engenharia de TV e Rádio “também tive a oportunidade de acompanhar o surgimento de tecnologias que, ao longo do tempo, foram sendo substituídas ou abandonadas. Foi marcante, pelo menos para mim, a questão relativa à TV 3D que de aclamada com entusiasmo, num curto intervalo de tempo foi deixada de lado, totalmente esquecida”.

Por outro lado, afirma que foram “várias as características marcantes do próprio sistema ISDB-Tb de TV Digital, que aclamávamos com entusiasmo,



**Aceitação do transmissor de TV Digital Harris, em Junho de 2008, em Quincy, IL, Estados Unidos. Na foto, Paulo Canno e, então, Gerente de transmissão da Rede Gazeta/ES, Eng° José Carlos Beltrame/ Foto: Arquivo pessoal**

e acabaram ficando pelo caminho, como a recepção 1 Seg, multiprogramação, interatividade e som *surround*, por conta da mudança de hábito dos usuários, regulamentação ou devido à concorrência das novas mídias. Na realidade o que, de fato, impactou sobremaneira o usuário, em relação à TV Digital, foi a qualidade de vídeo. Hoje em dia o que mais observamos são os transeuntes, nos coletivos, trocando mensagens pelo celular e muito pouco (quase ninguém) assistindo TV Digital. Aliás, a disponibilidade de celulares com TV Digital tem sido cada vez menor”.

## NAB 2009

Paulo Canno disse à reportagem que participou de 32 edições da NAB, a primeira em 1980 e a última em 2019. “Particpei de vários eventos SET e Trinta, sendo que me lembro como um dos mais marcantes o de 2007, quando o então [Ministro das Comunicações, Hélio Costa](#), anunciou a definição do ISDB-Tb como o sistema de TV Digital a ser implantado no Brasil”.

Na seção a “Visão dos Especialistas” da [Revista da SET- ed.107](#), Canno relatou que “embora não houvesse nenhum lançamento com grande alarde, observamos uma ênfase bastante grande nas apresentações da tecnologia 3D, com destaque para a NHK (que já abordou a tecnologia em anos anteriores) e para a Panasonic. Outro ponto de destaque foi a utilização da rede celular 3G para a transmissão de vídeo, que, embora de qualidade questionável, pode ser útil em casos de fatos ocorridos em lugares remotos, onde o celular é o único meio de transmissão disponível. A LiveU contorna, de certa forma, a questão da qualidade, utilizando até oito linhas 3G, em vez de apenas duas, que é a solução Sony. O resultado com oito linhas é bastante razoável”.

Falando sobre esse momento, o engenheiro disse à reportagem em agosto de 2023 que “a TV 3D ficou muito pouco tempo na vitrine e não me lembro de ter visto, na época, nenhum grande movimento, no Brasil, em direção

a esta tecnologia. Em contrapartida, a transmissão de eventos externos ao vivo sofreu uma evolução, no meu entender, exponencial, estando hoje ao alcance de qualquer cidadão que tenha um Smartphone”.



**Paulo Canno participou de 32 edições da NAB, a foto, da edição NAB2002. Da esq. à dir.: Paulo Canno; Carlos Benfica; Carlos Lindenberg Neto e Rogério Costa da Rede Gazeta/ES / Foto: Arquivo pessoal**

Canno agregou que “a primeira demonstração que vi de um “mochilink” foi da Dejero, em uma das NABs anteriores, e me entusiasmei sobremaneira a possibilidade de fazer uma reportagem ao vivo, sem a

necessidade de transportar toda aquela parafernália. Parecia um sonho. Nossa primeira experiência com transmissão ao vivo, utilizando a rede celular, ainda 3G, aconteceu com a solução Sony (CBK) de 2 chips. Posteriormente, a performance da rede celular evoluiu para 4G (atualmente, 5G), assim como os equipamentos, que se tornaram cada vez mais confiáveis, eficientes e inteligentes, a tal ponto de já serem utilizados até para a transmissão de eventos ao vivo, de longa duração. Mais recentemente, a introdução dos drones com câmeras acopladas aos mochilinks, tornou a transmissão ao vivo ainda mais interessante, dispensando em muitos casos o helicóptero”.

Desde a ótica do engenheiro, a disrupção atual passa pela “a onipresença total que se concretiza, agora, com as transmissões ao vivo através da conexão via satélites de baixa órbita, tal como o StarLink”.



**Aceitação da antena principal para transmissão de TV Digital da TV Gazeta de Vitória (ES), em junho de 2009, na fábrica da ERI em Chandler, IN, Estados Unidos. Da esq. à dir.: Rodrigo Castanheira (MobilCom), Paulo Canno (TV Gazeta, ES), Tom Silliman (ERI) e Francisco Peres (TV Globo). Foto: Arquivo pessoal**

## Mudanças na gestão e utilização de MAM

Na rede social LinkedIn, Canno afirma que “foi responsável por toda a infraestrutura tecnológica que suporta as emissoras de Televisão e Rádio do grupo, bem como os dois jornais diários”. Ante isso, a reportagem o consultou sobre como foi possível trabalhar com desafios tão diversos. O engenheiro disse que “com o passar do tempo e seguindo a orientação de consultorias contratadas, todos os processos da Rede Gazeta-ES, que envolviam conhecimento técnico de engenharia e de TI (Tecnologia da Informação) foram sendo alocados na Diretoria de Tecnologia, acatando o viés da convergência das mídias e da premissa de que, embora, os diferentes veículos da indústria tenham suas peculiaridades, resumem-se todos a dois processos básicos: Geração e distribuição de conteúdo. Essa junção de várias expertises numa mesma diretoria gerou grandes oportunidades de sinergia, proporcionando como resultado, para a minha área, a tão desejada integração além da consequente redução de custos”.

Um desafio grande e complexo, porque “fica uma carga de responsabilidade bastante grande para o diretor, que deve estar sempre muito atento, também, à manutenção preventiva, de modo a garantir a maior disponibilidade possível da infraestrutura tecnológica”, mas segundo ele, deu certo.

De fato, em matéria publicada na [Revista Fórum](#), o prof. Francisco Machado Filho (UNESP) relatou que durante o Congresso SET EXPO 2014, Paulo Canno, da TV Gazeta/ES, “trouxe um enfoque diferente, mas que se entrelaçaram” e o ponto relevante é que foi possível visualizar como o **Media Asset Management (MAM)** contribui para gerar valor e retorno financeiro para os executivos das emissoras. Canno disse à reportagem que a ferramenta de MAM começou a ser utilizada a partir de 2012, agregando, principalmente, agilidade ao processo de geração de conteúdo, acarretando uma drástica redução dos tempos decorridos entre a aquisição/ produção/exibição.



**Paulo Canno no seu escritório da Rede TV Gazeta/ES /Foto: Arquivo pessoal**

## Copa do Mundo Brasil 2014

Em setembro de 2013, em uma reportagem publicada pela Telaviva, Canno afirmou que a TV Gazeta esperava “levar sinal digital a 70% da população do ES até a Copa”. A reportagem consultou se tinha conseguido e quais tinham sido os desafios. Canno explicou que para a Copa 2014, a TV Globo lançou o “Projeto 50k” para suas

afiliadas, que propunha a cobertura com sinal digital de todos os municípios brasileiros com mais de 50 mil habitantes. “Em março de 2014, as quatro (4) emissoras de TV da Rede Gazeta já estavam transmitindo seu sinal digital e chegamos ao primeiro jogo da Copa com a meta atingida, o que proporcionou uma cobertura digital da

população estadual um pouco superior a 70%. A lamentar apenas o fato de que a seleção brasileira não cumpriu a sua meta. Fui testemunha ocular do fiasco, anestesiado na arquibancada do Mineirão, do trágico 7x1 com a Alemanha”.

Paulo Canno fala de polarização elíptica na Revista da SET. Veja a matéria completa neste QR.



## Cloud na operação

Na [edição Nº 151 – Junho 2015 da Revista da SET](#), a pedido da reportagem que o entrevistou em 2023, Canno escreveu na coluna “O Olhar dos especialistas da SET”, o artigo “**A televisão na nuvem ou “in the cloud”**”. O executivo disse que nos anos que atuou na Rede Gazeta, o seu trabalho lhe ensinou a enfrentar mudanças, pelo que “tenho plena convicção que meu trabalho passou a ser muito facilitado em enfrentar as mudanças, quando a direção geral acatou, em 1996, as sugestões de uma consultoria de que, em função da iminente convergência tecnológica, agregasse à Diretoria Técnica do Grupo Gazeta, o departamento de TI. Daí em diante, começamos a introduzir, com muito mais facilidade, as soluções de TI nos ambientes operacionais de TV e Rádio, notando-se, também, o surgimento de uma colaboração mais estreita entre as equipes, na busca de soluções criativas para os problemas que apareciam”.

Canno exemplificou a situação “Numa época tínhamos um problema num servidor de **breaks** comerciais, onde se descobriu que as falhas residiam no **Storage**. Então, se sugeriu a substituição do **Storage** em questão, por um HP proveniente do departamento de TI (250GB – para a época era de bom tamanho), tido como altamente confiável. Após algumas dificuldades

No microfone, a então presidenta da SET, Liliana Nakonechnyj, quem moderou o painel “Situação atual e futura da TV aberta no Brasil na era dos conteúdos via internet”, e que contou com participações de Paulo Henrique Castro (Globo), Paulo Canno (Rede Gazeta), Sérgio Santoro (Record), José Chaves (Band) e Raimundo Lima (SBT) / Foto: Gabriel Cortez



de adaptação das interfaces, nunca mais tivemos problemas. Atualmente, quando se visita uma área de operações de uma emissora de TV, o único fator que se diferencia de outro ambiente de trabalho, é o grande número de monitores exibindo, em geral, pessoas em vez de tabelas, gráficos etc. De resto, apenas computadores, além de uma mesa de corte”.

Portanto, reforçou o executivo, “a utilização plena das ferramentas de TI mais atuais, tais como Cloud, SaaS, IA (Inteligência Artificial) etc., no ambiente de produção audiovisual é inexorável. Algumas com maior e outras com menor brevidade”. E deu outro exemplo prático. “Quando ainda estava ligado à Rede Gazeta como Diretor de Tecnologia, o site de A Gazeta já operava, em grande parte, na nuvem, enquanto que a TV ensaiava os primeiros passos. É preciso algum tempo para que o usuário adquira confiança no fornecedor e que este demonstre, com fatos e dados, que está pronto para merecê-la”.

## Convergência tecnológica e desafio final

Como descrito acima, um dos pilares da gestão de Canno na Rede Gazeta foi a da convergência tecnológica e a união de forças. Nesse marco, talvez o seu último grande desafio tenha sido a inauguração da “[nova redação com tributo a Cariê Lindenberg](#)”. A empresa inaugurou sua nova Redação de Jornalismo e a nova área de Negócios na manhã desta segunda-feira (23/8/2021), em sua sede, em Vitória”.

Canno disse que de fato, esse foi o último grande projeto da Rede Gazeta-ES do qual participou, ainda como Diretor de Tecnologia do grupo, e que tinha como objetivo principal o aprofundamento do conceito de convergência das mídias e da busca, ainda maior, da sinergia entre os veículos. Ele explicou que “foi implantada uma redação única na qual foram reunidos, numa enorme área, todos os

colaboradores responsáveis pela geração de conteúdo de todos os veículos (TV, rádio e site A Gazeta). A ferramenta de **workflow** implantada permite o compartilhamento de material coletado por todos os veículos.



Paulo Canno na TV Unesp. Reveja a reportagem clicando no QR Code.

## TV 3.0

No SET EXPO 2019 em entrevista a [TV UNESP](#), no marco do convênio SET/UNESP, analisou “a necessidade da implantação de um novo modelo de gestão do audiovisual pelas emissoras de TV”, e como tinha dito aqui, deu algumas das coordenadas sobre as mudanças de gestão e se a chegada da TV 3.0 poderia mudar os processos. À reportagem da Revista da SET, Canno disse, agora, que “a crescente concorrência das demais mídias audiovisuais vem obrigando as emissoras de TV a se ajustarem, naquilo que diz respeito às finanças. Claro está que a tecnologia ajuda, principalmente, na redução do custo operacional. Porém, essa redução tem um limite, a

partir do qual começa a impactar na qualidade do produto exibido, seja pela redução da atratividade ou pelas falhas na disponibilidade.

A TV 3.0, por sua vez, parece ter potencial para alavancar novas receitas. Entretanto, penso que devemos questionar, de forma clara e aberta, os clientes telespectadores e anunciantes, a respeito do apreço deles pelas funcionalidades embarcadas nessa tecnologia emergente, visando evitar o descaso do usuário para com algumas funcionalidades do já velho, mas ainda muito apreciado ISDB-Tb, tais como 1 Seg, a multiprogramação, a Interatividade e som surround.

## Mais de 30 anos de participação na SET

Paulo Canno disse que não tem a data exata da inscrição como associado da SET, mas sabe que foi em 1990, dois anos após a fundação da entidade e a convite de Carlos Capellão, que anos mais tarde ocuparia o cargo de presidente.



Paulo Canno no SET EXPO 2017 / Foto: SET

O engenheiro paulista participou da diretoria da SET desde 1992 até 2018. Foi parte da Diretoria de Divulgação e Coordenação Regional (1992-1994); Vice-diretor de Ensino (1994-1996); membro do Conselho Fiscal (1996-1998); Vice-diretor Regional Sudeste (1998-2000 e 2010-2012); Diretor Regional Sudeste (2000-2006 e 2014-2018); membro do Comitê de Marketing (2008-2010); e Diretor

da diretoria de TV aberta (2012-2014).

Quando consultado porque dedicou tanto tempo a SET, sorriu e disse “durante minha participação na diretoria de SET procurei, constantemente, inserir nos fóruns de discussões, palestras e apresentações da entidade, os aspectos operacionais e necessidades das emissoras afiliadas, que são, em boa parte, diferentes das cabeças de rede”.

Em termos de futuro, Canno vislumbra bons momentos. “Percebo que a SET já se esforça no sentido de abarcar todo o mercado audiovisual brasileiro e não apenas as emissoras de TV. No meu entender esta tendência deveria se aprofundar cada vez mais, com uma criteriosa revisão da sua missão, valores etc., visto que, atualmente, este mercado é bastante pulverizado e crescente”.

*“Sempre achei que a SET nos dá muito mais do que aquilo que fazemos por ela. Nada é mais precioso do que a rede de relacionamentos que temos a oportunidade de desenvolver”*

## Futuro

O engenheiro paulista Paulo Canno se desempenha hoje como consultor, e desde a sua perspectiva, hoje, o mercado audiovisual vive um momento especial. “Parece-me que será cada vez mais concorrido o futuro do mercado audiovisual. De fato, já o é, mas essa concorrência tende a se acentuar. Tanto pela pulverização da produção de conteúdo, como pela multiplicação das

plataformas de distribuição e também pelo barateamento das ferramentas. Haja vista que o **streaming**, inicialmente, muito popular na camada mais jovem da população, já cai no gosto dos mais velhos. Está, portanto, com os geradores de conteúdo, a tarefa de serem cada vez mais criativos e atrativos para se tornarem cada vez mais competitivos”.



**Nome:** Paulo Roberto Monfrim Canno

**Data de nascimento:** 04/02/1953

**Naturalidade:** Catanduva, SP

**Formação:** Engenharia Elétrica (especialização Eletrônica), pós-graduação em Gestão de Empresas

**Estado Civil:** Casado com Fabiola da Silva Sousa

**Filhos:** Livia (Médica) 42 anos, Marcel (Engenheiro) 41 anos, Bruno (Estudante de engenharia) 22 anos

**Netos:** Joaquim (8 anos), Helena (5 anos), Frederico (5 anos)